

PARCERIA

O sistema que revolucionou a avicultura brasileira

Patrícia Alencar Vasconcelos

Fortaleza - 1994

DEDICATÓRIA

Dedico este meu trabalho, fruto de toda minha vida escolar, à meu pai Everardo, por seu exemplo de coragem e ousadia; à minha mãe Socorrinha, que sempre incentivou-me nos estudos; aos meus irmãos Nicolas e Marden, que me incentivaram e ajudaram a tornar este trabalho possível; aos meus avós, Mário e Ambrosina (*in memoriam*); Vasconcelos e Nely, de quem muito me orgulho e admiro; ao Mauro, a quem muito amo, e a todos os funcionários da Granja Soever, que lutam para alcançar melhorias na avicultura, e muito têm-me ensinado em seu convívio.

BSFEAC

AGRADECIMENTOS

Agradeço acima de tudo a Deus e a Nossa Senhora, por terem me dado a graça desta conquista; aos meus pais e irmãos, por terem me ajudado neste trabalho; ao Professor Laudemiro Rabelo, que foi quem orientou-me nesta monografia.

Essa monografia foi submetida à Coordenação do Curso de Administração de Empresas, como parte dos requisitos necessários a obtenção do Grau de Bacharel em Administração de Empresas, outorgada por aquela Universidade e encontra-se a disposição na biblioteca da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEAC) - UFC.

Patrícia Alencar Vasconcelos

Monografia aprovada em 13/07/94 por

Laudemiro ~~Rabelo~~ de Souza e Moraes
(orientador)

Criseida Alves Lima

Fernando Menezes Xavier

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. A AVICULTURA BRASILEIRA.....	7
2.1. Histórico	7
2.2. O Avanço da Avicultura	7
2.3. As principais dificuldades enfrentadas pelo setor.....	9
3. O SISTEMA DE PARCERIA NA AVICULTURA.....	14
3.1. O início da integração avícola no Brasil.....	14
4. A INTEGRAÇÃO DO SUL AO NORDESTE DO PAÍS.....	16
4.1. Região Sul	16
4.2. Região Sudeste	17
4.3. Região Centro-Oeste	18
4.4. Região Nordeste.....	19
5. CONHECENDO A INTEGRAÇÃO DE PERTO: GRANJA REGINA.....	23
6. OUTRAS FORMAS DE PARCERIA NO ÂMBITO DA AVICULTURA	27
6.1. Vísceras das aves são utilizadas por criador mineiro para reforçar a alimentação dos suínos.....	27
6.2. Empresa mineira incentiva agricultores a produzir milho para alimentar sua criação de frangos.	28
6.3. Governo do Estado do Ceará, Secretaria de Agricultura e ACEAV, em parceria, investem na produção de milho cearense.	30
7. CONCLUSÕES	33
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
9. ANEXO I	36
10. ANEXO II.....	40

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo examinar a importância do sistema de parceria para a avicultura brasileira.

A literatura enfocando este assunto é bastante rara, pois não encontramos quaisquer livros ou manuais. Somente podemos encontrar algo a respeito em revistas especializadas em avicultura, daí a razão de não existir nas Universidades Cearenses trabalho algum neste nível. O meu pioneirismo neste assunto, apesar de todas as dificuldades, foi levado pela vontade de divulgar a avicultura brasileira, setor que tem uma representação de 1,42% do PIB nacional e que, entre outros números, apresenta-se como o 2º maior produtor mundial de carne de frango, 6º maior produtor de ovos, e que vem crescendo a uma taxa de 8 a 10% ao ano, nos quais a economia brasileira encontra-se estagnada.

Para a avicultura brasileira, trabalhar em parceria não é nenhuma novidade, pois as empresas do Sul praticam há 34 anos. A adesão deste sistema de produção no Brasil é o que veremos nos capítulos 3, 4 e 5 deste trabalho.

No sexto capítulo explanaremos as maneiras criativas através das quais alguns avicultores brasileiros vêm utilizando-se do trabalho em parceria, à luz da integração na produção, como forma de resolver alguns problemas inerentes ao setor.

2. A AVICULTURA BRASILEIRA

2.1. Histórico

1930 - A população brasileira não chegava a 35 milhões de habitantes e sua economia dependia totalmente do café - o grande produto da exportação.

Nossa agricultura era basicamente de subsistência e a produção de alimentos que chegava ao mercado era o excedente do mercado familiar.

A avicultura era uma atividade de "fundo de quintal", sem nenhum conhecimento sobre manejo - técnicas necessárias ao processo de criação - e nutrição adequados.

1939 a 1945 - 2ª Guerra Mundial

Com o conflito, a oferta de carnes vermelhas teve que ser direcionada para os soldados e surgiu a necessidade de se desenvolver a produção de carnes de pequenos animais, que estivessem prontos para o abate em pequeno espaço de tempo. Os Estados Unidos iniciaram as pesquisas, descobrindo novas linguagens, medicamentos e rações que atendiam aos requerimentos nutricionais das aves. Depois, as pesquisas foram também iniciadas na Europa.

No Brasil, os reflexos destes estudos chegaram somente no final da década de 50, quando foram importadas linhagens híbridas americanas, mais resistentes a doenças e produtivas. Era o começo da explosão da avicultura brasileira e mundial.

2.2. O avanço da avicultura

Em poucas décadas, a produção de aves e ovos deixou de ser atividade artesanal e de subsistência para se tornar o segmento mais moderno da agropecuária brasileira.

Para ter uma idéia desta evolução em 1930, um frango passava 15 semanas para alcançar 1,5 kg e consumia 3,5 kg de ração por quilo de carne obtido (conversão alimentar). Nossas poedeiras produziam 120 ovos/ano consumindo 4,1 kg de ração por dúzia. Hoje produz-se frango de 1,950 kg em 42 dias e conversão alimentar de 1,96 kg, e as poedeiras põem 304 ovos por ano, consumindo 1,5 kg de ração por dúzia. Verifique este avanço analisando os quadros seguintes.

Evolução do frango de corte nos últimos anos

Ano	Peso Frango (g)	Conversão Alimentar	Idade (sem/dias)
2001	2.240	1,78	41 dias
1989	1.940	1,96	45 dias
1984	1.860	1,98	45 dias
1980	1.700	2,00	07 sem
1970	1.800	2,00	07 sem
1960	1.600	2,25	08 sem
1950	1.800	2,50	10 sem
1940	1.550	3,00	14 sem
1930	1.500	3,50	15 sem

Evolução da poedeira comercial

Ano	Ovos/Ano	Peso Médio ovo (g)	C. Alimentar (kg ração/dz ovos)
2001	318	57	1,40
1990	304	57	1,50
1980	292	58	1,58
1970	255	57	1,77
1960	237	56	1,92
1950	219	54	2,06
1940	182	53	2,50
1930	120	54	3,25
1920	90	56	4,00
1910	80	56	4,10

O melhoramento de sua performance deve-se à importação de matrizes de alta linhagem da América do Norte e Europa, ao constante aprimoramento tecnológico, à busca de modernas técnicas de aperfeiçoamento genético e manejo, e à produção em larga escala, o que reduziu seus custos.

Nos últimos 18 anos a produção brasileira de carne de frango se destacou por crescer 6.711%, ou seja, saltou de 519 mil toneladas para 3,200 milhões de toneladas em 1993, enquanto a produção brasileira de carne suína cresceu 264% e a bovina 186%, neste mesmo período.

De suas 3,200 milhões de toneladas de frango produzidas em 1993, 2,850 milhões de toneladas foram consumidas no mercado interno e 350 milhões de toneladas foram exportadas. A produção de ovos foi de 15,934 bilhões no ano se destacando como 6o. maior produtor mundial. O Brasil se destaca ainda em ser o 2o. maior produtor mundial de carne de frango, sendo superado apenas pelos Estados Unidos que produz 8,44 milhões de toneladas, com um consumo per capita de 32 kg por habitante, sendo o do Brasil de 17 kg

por habitante. Podemos acompanhar o comparativo do consumo per capita brasileiro de ovos, frangos, carne bovina e suína no quadro abaixo.

Brasil: consumo interno per-capita (hab./ano)

Ano	Ovos unidades	Frangos (kg)	Bovinos (kg)	Suínos (kg)
1970	61	2,3	12,1	8,1
1971	62	2,4	12,4	7,9
1972	63	3,0	12,8	6,6
1973	60	4,0	13,9	7,0
1974	58	4,7	14,7	7,0
1975	57	4,9	15,8	7,2
1976	57	5,4	18,9	7,2
1977	57	6,0	20,6	7,4
1978	58	7,1	20,6	7,5
1979	62	8,7	18,5	7,7
1980	77	8,9	17,2	8,2
1981	72	8,9	15,4	8,0
1982	92	8,5	16,0	7,7
1983	84	9,3	14,7	7,4
1984	79	8,1	12,2	7,1
1985	87	8,9	12,1	6,9
1986	94	10,0	12,0	7,3
1987	109	12,4	11,8	8,0
1988	103	11,8	12,0	7,0
1989	83	12,4	12,0	6,6
1990	89	13,4	12,5	7,0
1991	88	15,0	13,0	7,0
1992	92	16,0	14,5	7,3
1993**	101	17,0	14,2	7,6

Fonte: IBGE/IEA/UBA/APA
 * Estimativa
 ** Previsão

A avicultura brasileira vem demonstrando crescimento também nos períodos de dificuldades econômicas, pois em 1990 enquanto o PIB nacional diminuiu 4,6%, ela cresceu 10%, tendo em 1991 este mesmo desempenho, em 1992 e 1993 aumentou, em cada um, 8%.

O setor representou em 1993, 1,42% do PIB nacional, movimentando em torno de 5,1 bilhões de dólares.

2.3. As principais dificuldades enfrentadas pelo setor

Apesar de seu notável desempenho, a Avicultura brasileira esbarra em uma série de dificuldades, as quais precisam ser solucionadas para que possa explorar todo o seu potencial.

Insumos

Dos grãos utilizados para a alimentação dos frangos e poedeiras, o milho - principalmente - e a soja são os que representam maior custo na produção de ração.

Em 1993, foram consumidas 11,80 milhões de toneladas de ração, das quais 8,9 milhões de toneladas foram utilizadas para alimentar as aves de corte e 2,9 milhões de toneladas, as poedeiras. Deste total de ração, 6,60 milhões de toneladas, 55,93% foram milho.

A avicultura é a maior cliente dos produtores de milho do Brasil, consumindo 1/3 da sua produção. No entanto, a produção brasileira de milho não é suficiente para atender a demanda do setor avícola, sendo necessário a importação para suprir a carência da oferta agrícola.

Segundo Getúlio Pernambuco, técnico da Companhia de Financiamento da Produção, a principal pergunta que nos vem no momento é como o Brasil deixou de ser exportador líquido de milho da década de 70 - exportou 8.036,1 mil toneladas e importou 1.670,5 mil toneladas - para se tornar um importador na década de 80, e com perspectiva de se firmar definitivamente como um importador na década de 90?

Encontraremos resposta para este questionamento se analisarmos que de 1970 a 1990 o consumo do grão pela avicultura cresceu 104% enquanto a produção brasileira de milho aumentou apenas 56%, não acompanhando, portanto, com a mesma rapidez a demanda.

O crescimento lento da produção de milho deve-se ao fato de termos um dos menores rendimentos médios do mundo, 1,81 toneladas por hectare, diante de uma média mundial de 3,67 toneladas por hectare, destacando-se que o maior rendimento médio é dos Estados Unidos com 7,39 ton/ha. Isto deve-se ao fato de adotarmos técnicas agrícolas rudimentares, onde não há acesso as inovações tecnológicas, nem o preparo adequado da terra, além de termos um elevado desperdício.

Neste ano de 1994, o IBGE prevê uma safra recorde de 74,106 milhões de toneladas de grãos, com 3,26% acima da maior safra já obtida pelo país, de 71,82 milhões de toneladas, em 1989. Esse incremento deve-se à expansão da área plantada em todos os estados produtores, como decorrência da rentabilidade da lavoura na safra passada.

As regiões Norte e Nordeste apresentam, com participação de 10,73% sobre o total da produção de milho, uma expansão de 68,76%, enquanto o Centro-Sul e Rondônia representam 89,27% da safra agrícola do País, tendo um crescimento de 2,6% sobre o ano passado.

A safra de soja para 1994 está estimada em 24,3 milhões de toneladas, superior em 7,15% à obtida em 1993 e também superior à safra recorde de 1989, de 24,05 milhões de toneladas.

Logística

Os estoques excedentes do milho ficam armazenados na região Centro-Oeste, tendo grandes dificuldades em estocagem, devido ao alto custo financeiro, transporte e conservação.

No entanto, as regiões que mais consomem são a Sul e Sudeste que não são auto-suficientes. Além disso, as regiões Norte e Nordeste também não produzem o suficiente para o seu consumo, sendo muitas vezes mais econômico importar da Argentina e dos EUA do que trazer da região Centro-Oeste.

Por isso, urge a necessidade de se elaborar um plano de distribuição de grãos para os centros consumidores de forma mais econômica do que a via terrestre, a qual eleva os custos de modo a tornar a produção inviável.

Comércio exterior

A exportação foi o fator responsável pela alavancagem da avicultura brasileira, pois foi a partir dela que incorporou-se tecnologia mais avançada e que levou o setor a aumentar sua competitividade, a elevar os índices de sanidade dos produtos e a reduzir os custos.

O frango brasileiro compete em condições de igualdade no mercado mundial em termos de qualidade. No entanto desde 1992 o peito de frango tem uma sobretaxa de US\$ 428/ton pela Comunidade Econômica Européia, o que retira a competitividade do produto brasileiro. Além disso, estamos perdendo mercado no Oriente Médio, tradicionalmente importante para o Brasil, devido aos subsídios dados pelos Estados Unidos e França às suas exportações de produtos avícolas.

As exportações de frango, em 1993, segundo dados da Associação Brasileira dos Exportadores de Frango (ABEF), totalizaram 412,144 mil toneladas para um faturamento de US\$ 459,126 milhões. Estes números representam um aumento de 10,8% em volume, mas um crescimento de apenas 6,7% em receita se comparado aos registrados em 1992, quando a sobretaxa de CEE era bem menor.

Apesar disso, consolidamo-nos como o terceiro maior exportador de carne de frango do mundo, com 20% da oferta global, ficando atrás somente dos Estados Unidos e da França. Abaixo mostramos nossos principais mercados consumidores.

Brasil - principais mercados de exportação de carne de frango

1988 - 1992
(1000 tons)

País	1988	1989	1990	1991	1992
Arábia Saudita	105,6	84,2	101,2	125,9	122,1
Outros do oriente médio	36,8	20,4	32,9	37,1	50,8
Japão	38,3	36,9	40,1	56,5	65,1
Comunidade Européia	11,8	20,0	28,0	28,1	44,7
Argentina	0	0	0	23,3	39,0
Cuba	8,3	20,6	26,5	18,8	0
Outros	35,5	61,6	71,3	32,6	56,3
Total	236,3	243,7	300,0	322,3	378,0

Produção mundial de carne de frangos
Principais países

Países	1992*		1991	
	mil ton	part %	mil ton	92/91
EUA	9.453	33,5	8.886	6,38
Brasil	2.870	10,2	2.628	9,21
China	2.025	7,1	1.745	16,04
CEI	1.500	5,3	1.685	-10,97
Japão	1.260	4,4	1.269	-0,71
França	1.010	3,5	995	1,50
Outros	10.087	36,0	9.974	1,13
Totais	28.205	100,0	27.182	3,76

Fonte: USDA

* Dados preliminares

Exportações brasileiras de frango - 1992

Produto	1991			1992		
	T	US\$ mil	p/m	T	US\$ mil	p/m
Inteiros	232.114	230.006	991	203.188	209.652	1.032
Cortes	139.606	200.104	1.433	118.512	183.206	1.456
Totais	371.719	430.110	1.157	321.700	392.858	1.221

Fonte: Abef

Portos

A ineficiência do sistema portuário brasileiro é um dos fatores que dificultam a competitividade dos nossos exportadores, além da questão da saída do Brasil para o

Oceano Pacífico, o que desenvolveria a região Centro-Oeste e tornaria a carne de frango ali produzida mais competitiva.

Tributação

Na maioria dos países desenvolvidos a criação de tributos segue critérios racionais; no entanto no sistema tributário brasileiro racionalidade é algo que, no momento, não se pode cogitar. Temos nada menos que 58 impostos, taxas e contribuições variadas, como se quantidade significasse qualidade. Segundo Antoninho Marmo Trevisan, presidente da Trevisan Auditores e Consultores, o fisco nacional é absolutamente ineficaz, os índices de sonegação são elevadíssimos - segundo informação da própria receita, para cada 1,00 cruzeiro arrecadado 1,20 cruzeiros é sonegado - é perverso, porque tributa proporcionalmente mais quem ganha menos; e inflacionário, porque acaba pesando no bolso do consumidor final já que as empresas transferem esse ônus ao preço do produto. A incompreensão para este emaranhado de tributos se torna ainda maior quando sabemos que 90% de tudo o que é arrecadado está concentrado no Imposto de Renda, ICMS, IPI, IOF. Quando sabemos também que encontramos 4 milhões de empresas registradas, mas 82% de tudo o que se arrecada é recolhido por apenas 10 mil delas, acrescenta Trevisan.

A conseqüência desta grave deficiência tributária, é que a produção se desvia para o mercado informal, onde não se recolhe impostos, não há fiscalização para a qualidade dos produtos, nem tampouco garantias trabalhistas; as empresas brasileiras tornam-se muito menos competitivas do que suas concorrentes no mercado internacional; o preço dos produtos ficam elevadíssimos; diminuem os investimentos da iniciativa privada, deixando de gerar milhares de empregos. Sem falar nos salários ganhos pelos trabalhadores, que poderiam ser maiores se não tivéssemos 123,8% da folha de pagamento correspondente a encargos sociais.

Num país onde se tem milhares de pessoas morrendo de fome, tributar alimentos é uma total incoerência. Só a Sadia, em 1993, fechou dois abatedouros no interior de São Paulo. Perderam o emprego 1.700 pessoas. "Os custos se tornaram insuportáveis", diz Zoé Silveira d'Ávila, vice-presidente do conselho de administração da Sadia.

3. O SISTEMA DE PARCERIA NA AVICULTURA

Ultimamente, tem-se falado muito sobre a importância da aliança estratégica, das parcerias e fusões para o desenvolvimento das empresas. Entretanto, em muitas empresas brasileiras, estas técnicas de gestão empresarial não passam do livro de cabeceira dos seus diretores. Na avicultura brasileira o sistema de parceria, mais conhecido como integração, está implantado há 33 anos.

Graças ao sistema de integração e, também, à exportação, a avicultura brasileira passou de uma produção em 1975 de irrisórias 500 mil toneladas e exportando apenas 3 mil toneladas para bater o recorde de 3 bilhões de toneladas e se estabelecer como o 3º maior exportador de carnes de frango do mundo, como já dito antes, com 412,144 mil toneladas.

Interessante saber que foi feito um estudo pelo respeitado agrônomo, economista e pesquisador da FIPE, Fernando Homem de Melo, que indicava que se o Brasil tivesse um crescimento econômico excepcional nos próximos anos, sua produção teria que alcançar a casa dos 3 bilhões de toneladas de carne de frango no ano 2.000 para atender o consumo. Por mais incrível que pareça, o Brasil continuou na recessão e atingimos esta produção em 1993, 7 anos antes da mais otimista das projeções.

É este o perfil da nossa avicultura, que evoluiu seu consumo per capita de 4,9 kg de frango por habitante ao ano para 18 Kg por hab/ano.

3.1. O início da integração avícola no Brasil

Começou com uma viagem a Atlanta, Estados Unidos, no final dos anos 50, de Ivo Reich, hoje presidente executivo do Grupo Sadia e que, na época trabalhava na área agropecuária do Grupo em Concórdia, Santa Catarina, e que naquela cidade americana observou o sistema que ali teve início por volta de 1940.

Quando retornou da viagem, Ivo Reich começou a difundir rapidamente o novo sistema de produção entre os criadores de suínos e produtores de milho. Assim começou a avicultura no Sul do Brasil e na Sadia, que até então atuava exclusivamente no setor suinícola.

Élvio Flores, vice-presidente da área agropecuária do Grupo, lembra que no primeiro ano da avicultura na Sadia os aviários eram pequenos, com metragem de 3m x 3m, abrigando 100 aves. O aquecimento era feito com fogão a lenha." Não havia experiência, a atividade de criação era extremamente empírica ". Hoje os galpões são bem

estruturados, com metragem de 100 metros de comprimento por 12 metros de largura, com capacidade para alojar 12 mil aves. Possuem campânulas a gás para aquecimento dos pintinhos, comedouros automáticos, etc.

Hoje, a Sadia, que é a maior empresa avícola do País, abateu em 1992 278.971.404 aves, englobando 14,45% do mercado nacional. Seu início na avicultura coincide com o surgimento da integração do Brasil. É a parceria dando frutos, ou melhor, frangos na avicultura.

4. A INTEGRAÇÃO DO SUL AO NORDESTE DO PAÍS

4.1. Região Sul

Tendo se iniciado em Santa Catarina, a integração no Brasil e na região Sul avançou primeiramente para o Paraná e Rio Grande do Sul, estados que não tinham estrutura avícola e onde a atividade não tinha expressão. Era meados de década de 70.

Mas, segundo Heitor José Muller, diretor de Frangosul e presidente da União Brasileira de Avicultura (UBA), diferentemente do que ocorreu em Santa Catarina - onde ela era praticada por grupos empresariais que tinham como principal atividade a suinocultura- as empresas gaúchas surgiram voltadas exclusivamente para a atividade avícola e já praticando a integração. "A avicultura gaúcha surge de mãos dadas com a integração", completa Heitor Muller.

Hoje, 100% da produção de frango do Rio Grande do Sul vem das granjas integradas. No Brasil, conforme os cálculos dos grandes abatedouros, 70% de sua produção de carne de frango, cerca de 2,1 milhões de toneladas, é tirada do sistema de integração a cada ano.

Segundo a Associação Nacional dos Abatedouros (ANAB), Santa Catarina lidera a produção com um volume de 363 milhões de aves abatidas, seguida pelo Paraná com 268 milhões, São Paulo com 256 milhões e pelo Rio Grande do Sul com 252 milhões. "Não há dúvida, o grosso da produção vem mesmo do Sul do País", assinala o superintendente da ANAB, Marcelo Sândoli.

Estados fortes no abate

1992	Aves	Participação %	
		SIF	Total
São Paulo	256.039.733	28,45	13,26
Paraná	268.559.554	21,45	13,91
Santa Catarina	362.483.735	28,95	18,78
R. G. do Sul	252.666.736	20,18	13,09
Sub Total	1.139.749.748	91,04	59,05
Outros C/SIF	112.236.372	8,96	5,81
Total C/SIF	1.251.986.120	100,00	64,86
Outros	678.399.581		35,14
Total geral	1.930.385.701		100,00

Abate de aves no Brasil - 1992
(as maiores empresas)

Empresas	Aves	%
Grupo Sadia	278.971.404	14.45
Grupo Perdigão	141.343.012	7.32
Grupo Ceval	96.077.736	4.98
Grupo Frangosul	84.501.242	4.38
Grupo Avipal	66.314.712	3.44
Grupo Chapeco	58.023.617	3.01
Grupo Pena Branca	45.520.689	2.36
Coop. C. Oeste Catarinense	31.811.988	1.65
Cia Avícola Minuano	28.117.583	1.46
Dagranja Alimentos S/A	23.507.385	1.22
Coop. C. de Latic. do Paraná	22.804.979	1.18
Rio Branco Alimentos S/A	17.960.368	0.93
Coop. Agric. Consolata Ltda.	16.482.957	0.85
So Frango Alimentos S/A	15.830.416	0.82
Sub Total	954.499.286	49.45
Outros	975.886.415	50.55
Produção nacional	1.930.385.701	100.00

Verificamos no quadro acima as 14 maiores empresas do setor, ressaltando que juntas correspondem a quase 50% do mercado nacional. Ratificando as informações de Sândoli, descobrimos que as quatro maiores empresas brasileiras são oriundas do Sul e juntas correspondem a 31,13% da oferta global. São elas: a Sadia, com 14,45% do mercado; a Perdigão, com 7,32%; o Grupo Ceval com 4,98% e a Frangosul com 4,38%.

Temos algo em torno de 20 mil avicultores integrados em todo o País, colocando no mercado, em média, 100 a 140 toneladas de carne de frango por ano cada um, informa a ANAB. "Com certeza, 20% desses integrados estão a serviço do Grupo Sadia", calcula Roberto Moretti da área industrial da empresa. E complementa, isso significa mais de 4 mil famílias trabalhando conosco, produzindo perto de 600 mil toneladas anuais de carne de frango.

Para atender às necessidades de seus milhares de integrados a Sadia compra a cada safra de soja 10% da produção, ou seja, próximo de 2 milhões de toneladas por ano. "Não podemos vacilar, temos compromissos aqui e no exterior, para onde seguem 180 mil toneladas de carne de frango produzidas por nós e pelas mãos dos integrados, cujo sistema de trabalho cresce a cada dia" - acrescenta Moretti.

4.2. Região Sudeste

O sistema de integração da Sadia ultrapassou os limites de Santa Catarina e, em Itirapina, São Paulo, ganhou força graças a instalação da Agropastoril Paulista - responsável pela

produção de pintos de um dia - que dará conta das necessidades dos integrados instalados em diversos municípios paulistas, garantindo assim o funcionamento do abatedouro do grupo situado em Américo Brasiliense.

No entanto, mesmo com a avicultura desenvolvida em São Paulo, a integração não é muito difundida no estado. Segundo Luiz Octávio Costa, vice-presidente da Divisão de Frangos da Associação Paulista de Avicultura (APA), o sistema de integração sofreu resistências em São Paulo desde o começo da tentativa de trazê-lo para cá.

"Diferentemente de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde se estava construindo uma coisa que não existia e que, portanto nascia com a integração, o estado de São Paulo já tinha uma estrutura de produção segmentada. E se estava pedindo a esses empresários que se tornassem parceiros, mas eles ainda não entendiam o sistema de integração como uma parceria", esclarece Luiz Octávio. A produção segmentada a que ele se refere é aquela em que os produtores de matrizes vendem os ovos aos incubadores, que vendem os pintinhos de um dia aos produtores, que vendem o frango aos abatedouros, que vendem para o intermediário. É desta maneira que a avicultura de corte funciona nas granjas onde não há parceria.

Luiz Octávio acrescenta que, as empresas paulistas estão sentindo a força do novo método de produção, em que essas etapas foram queimadas. Eliminava-se uma série de intermediações de toda uma sociedade produtiva que era rentável em todos os segmentos. Mas até hoje há avicultores paulistas que resistem à parceria e insistem em produzir por conta própria. É o caso de São José do Rio Preto, que segundo Umar Buchala, do Frango Sertanejo, empresa que desponta no 10o. lugar no "ranking" de produção da ANAB, com quase 24 milhões de aves abatidas em 1992, apenas 15% das granjas em nossa região é de integrados.

O vice-presidente da divisão de Frangos da Associação Paulista de Avicultura estima que 50% do frango produzido em São Paulo vem de produtores totalmente integrados, 30% de parcialmente integrados e 20% de produtores independentes.

4.3. Região Centro-Oeste

Alguns dos projetos de granjas integradas já estão desembarcando no Centro-Oeste brasileiro graças a incentivos oferecidos pela região e a programas de desenvolvimento. É o caso da Agroavícola: com 100 aviários próprios e 70 de integrados, a empresa começou a funcionar em maio de 1993, processando nada menos que 60 mil aves por dia. É também o caso da Granja Josedith, tradicional produtora de ovos cearense,

que em 1991 instalou uma filial em Goiás devido ao baixo custo dos insumos e também das facilidades tributárias.

Segundo Aroldo Amorim Filho, diretor da Só Frango, a região Centro-Oeste, em 1990, alojava 5 milhões de aves, em 1993 alojou 13,3 milhões - 3,3% da produção nacional. Sua participação ainda é pequena, mas é a região na qual a avicultura está crescendo mais nos últimos dez anos, como poderemos constatar no quadro a seguir.

Participação regional na produção de pintos de corte (em %)

Região	Ano	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	Crescimento	
												A	B
Sul		49,8	51,6	51,0	51,1	54,7	53,1	51,3	49,0	50,0	51,0	-6,8	2,4
Sudeste		41,9	39,6	39,3	38,2	34,0	36,0	37,3	38,4	38,3	36,9	8,5	-11,9
C. Oeste		0,9	0,9	0,9	1,1	1,1	1,0	1,2	1,2	1,0	2,2	100,0	144,4
Norte		1,2	1,2	1,3	1,3	1,2	1,4	1,5	1,6	1,5	0,9	-25,0	-25,0
NORDESTE		6,2	6,9	7,6	8,2	9,0	8,5	8,8	9,9	9,2	9,1	1,1	46,8

OBS: A - significa que a participação cresceu, nos últimos 5 anos, no % indicado. B - idem, dos últimos 10 anos.

No plano de expansão das empresas a meta é chegar no ano 2000 alojando 50 milhões de aves. "As empresas estão vindo para cá já com a integração, devido a disponibilidade de grãos, topografia e clima. Em 1993, no Distrito Federal, foram construídos 100 novos aviários por 100 novos produtores - 100 novos integrados", informa Amorim Filho.

Hoje, 100% do frango produzido em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e no Distrito Federal vem do sistema de integração. Em Goiás, o índice está em torno de 25%.

4.4. Região Nordeste

No Nordeste, como em São Paulo, a integração ainda engatinha, sendo cerca de 20% da sua produção de aves resultante deste sistema.

A região aloja 40,9 milhões de aves, representado em torno de 9% da produção nacional de frangos. Sua participação, que de 1994 a 1998 cresceu 45,2%, como mostrou o quadro anterior, praticamente estagnou nos últimos cinco anos. Neste ano de 1994 teremos um leve crescimento resultante das boas perspectivas do mercado, o que já se concretizou no primeiro trimestre, que em comparação com o do ano passado foi 5,39% superior. Veja no quadro abaixo o alojamento de matrizes de corte de janeiro a abril de 1994.

Matrizes de corte - janeiro - abril / 1994

Estado	Alojamento	var. s/93
Santa Catarina	1.330.395	+20.52
São Paulo	1.165.068	+02.68
Rio Grande do Sul	1.042.332	+31.06
Minas Gerais	1.206.192	+21.91
Paraná	947.332	+01.29
Pernambuco	214.349	-15.12
Distrito Federal	190.589	+30.34
Ceará	173.394	+25.79
Paraíba	74.420	+85.31
Espírito Santo	59.008	-23.92
Rio de Janeiro	53.468	-51.72
Mato Grosso do Sul	42.000	+50.00
Mato Grosso	40.500	-
Sergipe	32.060	-28.85
Bahia	25.140	+109.50
Piauí	16.185	-28.22
Pará	12.144	-66.76
Rio Grande do Norte	4.400	+100.00
Acre	1.480	-
Sul	3.320.059	+17.13
Sudeste	2.303.736	+06.42
Nordeste	539.948	+05.39
Centro-oeste	273.089	+56.74
Norte	13.624	-65.57
BRASIL	6.450.456	+12.67

Fonte: APINCO

Por outro lado, o Sul, com 51% de participação, aumentou apenas 2,4% da sua parcela de mercado, e o Sudeste que manteve uma média de participação de 37% nos últimos dez anos, perdeu 11,9%. A grande revelação da avicultura brasileira é mesmo a Região Centro-Oeste, que nos últimos cinco anos aumentou sua participação na produção nacional em 100%. A explicação para este notável desenvolvimento está no deslocamento das empresas para os estados que possuem estoques excedentes de grãos, na busca de reduzir seus custos e aumentar sua competitividade.

No Nordeste, somente temos dois estados de expressão na avicultura, o Ceará, que alojou 49.971.723 pintos de corte em 1993, e Pernambuco com 82.076.018 pintos de corte alojados no mesmo período. Abaixo encontramos um quadro que demonstra o alojamento de pintos de corte por estado.

Alojamento anual de pintos de corte

Região	Alojamento						Participação Percentual por Região					
	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1988	1989	1990	1991	1992	1993
BRASIL	1.369.903.413	1.475.239.648	1.587.148.431	1.814.850.604	1.954.201.532	2.100.373.195	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
NORDESTE	133.697.603	135.241.073	151.008.754	191.221.105	195.221.105	219.128.478	9.8	9.2	9.5	10.5	10.0	10.4
CE	39.241.196	38.537.738	40.128.004	52.826.407	51.060.201	49.971.723	2.9	2.6	2.5	2.9	2.6	2.4
PE	59.937.838	59.963.308	66.229.469	74.768.657	73.576.866	82.076.018	4.2	4.1	4.2	4.1	3.8	3.9
BA	10.315.057	11.391.800	12.008.801	14.334.777	15.576.143	20.512.946	0.8	0.8	0.8	0.8	0.8	1.0
RN	2.036.100	1.754.800	3.333.250	5.845.055	6.114.800	7.073.627	0.1	0.1	0.2	0.3	0.3	0.3
AL	1.323.900	2.840.500	2.928.581	2.687.200	4.620.120	6.098.705	0.1	0.2	0.2	0.1	0.2	0.3
SE	5.450.465	4.731.302	5.972.636	10.706.526	9.579.652	9.748.391	0.4	0.3	0.4	0.6	0.5	0.5
MA	3.874.980	2.982.420	4.398.190	11.104.815	13.061.538	17.946.973	0.3	0.2	0.3	0.6	0.7	0.9
PI	8.320.579	7.190.410	8.577.850	10.127.960	12.942.500	14.576.370	0.6	0.5	0.5	0.6	0.7	0.7
PB	6.197.488	5.848.795	7.431.973	8.819.100	8.670.285	11.123.725	0.5	0.4	0.5	0.5	0.4	0.5
SUDESTE	446.009.152	502.429.182	556.174.985	662.193.624	381.605.285	713.381.660	32.6	34.1	36.5	36.5	34.9	34.0
SP	278.465.045	312.686.736	350.331.636	416.316.724	443.972.425	469.027.042	20.3	21.2	22.9	22.9	22.7	22.3
MG	99.597.276	109.523.768	121.342.287	153.376.541	149.553.226	155.093.519	7.3	7.4	8.5	8.5	7.7	7.4
RJ	53.927.076	61.036.082	64.857.671	70.560.402	65.055.986	65.426.049	3.9	4.1	3.9	3.9	3.3	3.1
ES	14.019.755	19.182.596	19.643.391	21.939.957	23.023.975	23.834.950	1.0	1.3	1.2	1.2	1.2	1.1
SUL	753.266.965	796.258.802	832.835.668	898.379.657	1.001.055.678	1.070.420.736	55.0	54.0	49.5	49.5	51.2	51.0
RS	205.369.249	214.277.965	228.981.894	252.509.588	297.329.826	328.508.941	15.0	14.5	13.9	13.9	15.2	15.6
PR	225.013.349	250.538.483	265.926.572	289.731.967	319.268.224	346.561.864	16.4	17.0	16.0	16.0	16.3	16.5
SC	322.884.129	331.442.354	337.927.202	356.138.102	384.457.628	395.349.931	23.6	22.5	19.6	19.6	19.7	18.8
C. OESTE	21.923.462	22.534.561	26.259.037	36.769.053	48.155.122	66.345.908	1.6	1.5	2.0	2.0	2.5	3.2
NORTE	15.006.231	18.776.030	20.869.987	26.286.773	28.164.015	31.096.413	1.1	1.3	1.4	1.4	1.4	1.5

Fonte: APINCO

Elaboração: ACEAV

Lindalvo Carvalho Galvão, da Associação de Avicultura de Pernambuco (AVIPE), um dos que mantêm parte de sua produção avícola graças ao sistema de integração, revela que um mil granjeiros estão ligados a sua empresa de forma integrada. "Os produtores estão gostando da idéia porque não precisam ficar procurando vender no mercado e competir com as empresas maiores", diz Lindalvo, ao comparar o sistema a um método cooperativo administrado por um proprietário.

5. CONHECENDO A INTEGRAÇÃO DE PERTO

5.1. Integração Regina

A Granja Regina é uma empresa avícola tradicionalmente cearense que está há 35 anos no mercado de ovos, frangos e ovos de codorna.

Em 1994, a Granja Regina decidiu expandir seus negócios com a comercialização do frango congelado, aproveitando a fatia de mercado antes pertencida às Granjas CBR. Para viabilizar sua nova estratégia ela teve que aumentar sua produção de 30.000 frangos por semana para 200.000 frangos por semana em apenas 3 anos. Esta expansão foi inicialmente conseguida graças ao arrendamento de pequenas propriedades avícolas, porém esta estratégia não mostrou-se satisfatória porque sua administração tornou-se muito difícil. Seguindo o exemplo das grandes empresas avícolas nacionais e estrangeiras que têm sua produção advinda totalmente do sistema de integração, decidiram em 1993 implantar este processo com apenas um integrado. Decorrido apenas um ano, a Granja Regina conta hoje com 30 parceiros que são responsáveis por 30% de sua produção de frangos.

Os critérios utilizados para a escolha de seus parceiros são:

- idoneidade do possível integrado;
- análise das condições financeiras;
- verificação da localização da propriedade;
- condições técnicas dos aviários, no caso de já existirem;
- experiência no manejo do frango de corte.

Pelo sistema de integração cabe à Granja Regina:

- fornecimento de pintinhos de 1 dia, com o compromisso de qualidade com linhagens que ofereçam o melhor desempenho;
- fornecimento de vacinas e medicamentos;
- fornecimento de ração, com rigor no controle das matérias-primas e com os níveis nutricionais adequados à ave;
- assistência técnica ao integrado;
- fornecimento de produtos químicos para desinfecção dos galpões e tratamento da água;
- fornecimento da segunda rodada de gás, se necessário, para aquecimento dos galpões.

Ao integrado caberá:

- realizar a criação seguindo as orientações da Granja Regina;
- promover a retirada do adubo, lavagem e desinfecção dos galpões;
- aquisição dos equipamentos indicados pela Granja Regina;
- colaborar na apanha dos frangos.

Mais detalhes poderão ser vistos no contrato de parceria que está no primeiro anexo deste trabalho.

A remuneração do parceiro é baseada nos resultados obtidos, visando incentivar a melhoria da produtividade e gerar uma satisfação mútua. Ela se dá através do Fator de Eficiência da Produção (FEP), onde na tabela abaixo encontraremos um índice para cada ponto.

FEP	*IRR	FEP	*IRR
200	0.424	231	0.486
201	0.426	232	0.488
202	0.428	233	0.490
203	0.430	234	0.492
204	0.432	235	0.494
205	0.434	236	0.496
206	0.436	237	0.498
207	0.438	238	0.500
208	0.440	239	0.502
209	0.442	240	0.504
210	0.444	241	0.506
211	0.446	242	0.508
212	0.448	243	0.510
213	0.450	244	0.512
214	0.452	245	0.514
215	0.454	246	0.516
216	0.456	247	0.518
217	0.458	248	0.520
218	0.460	249	0.522
219	0.462	250	0.524
220	0.464	251	0.526
221	0.466	252	0.528
222	0.468	253	0.530
223	0.470	254	0.532
224	0.472	255	0.534
225	0.474	256	0.536
226	0.476	257	0.538
227	0.478	258	0.540
228	0.480	259	0.542
229	0.482	260	0.544

- Como se calcula o FEP

$$\text{FEP} = \frac{\text{ganho de peso diário} \times \text{viabilidade}}{\text{conversão alimentar} \times 10}$$

dando que:

Ganho de peso diário =

Viabilidade =

Conversão Alimentar =

O resultado será assim calculado:

$$\text{Resultado} = \frac{\text{Kgs produzido} \times \text{índice alcançado}}{10}$$

$$\text{Premiação} = \text{Resultado} \times \text{Preço Médio de Venda}$$

Segundo Roberto de Araújo Júnior, diretor de produção da Granja Regina, as principais vantagens da integração é a melhoria da produtividade da empresa, a redução de gastos com manutenção de equipamentos e a disponibilidade do capital antes exigido para investimentos em aviários e equipamentos.

Complementa Júnior que, dificuldades também são encontradas pelos integrados para equipar a granja. Antônio Cardoso, um dos integrados da Granja Regina, que possui 20.000 frangos alojados em Maranguape, reclama que, no momento, está enfrentando dificuldades em adquirir a raspa necessária ao aquecimento dos pintinhos, a qual se encontra com um preço muito elevado e não está sendo possível cobrir este custo com a venda do esterco, que está em baixa devido às chuvas. Em épocas de verão, a despesa com a raspa é compensada com a venda do esterco.

A Granja Regina está muito satisfeita com sua recente estratégia de produção e já está em seus planos adotá-la, a partir de 1995, como único modo de criação de frango de corte.

Carlos Matos, vice-presidente da Regina, opina que o reduzido número de granjas cearenses que trabalham neste sistema - atualmente eles são os únicos - se dá devido à falta de abatedouros, o que a seu ver facilita o relacionamento entre os parceiros, por ser possível retirar o frango do galpão com uma idade pré-fixada independente das condições do mercado.

No entanto, sabemos que o mercado cearense é tradicionalmente consumidor de frangos abatidos na hora, talvez esteja aí a causa de não possuímos outro abatedouro no estado, além da desvantagem de competir com empresas do porte da Sadia que possuem custos muito inferiores aos das granjas cearenses.

6. OUTRAS FORMAS DE PARCERIA NO ÂMBITO DA AVICULTURA

Levadas pelo comprovado sucesso da implementação do sistema de parceria na criação do frango de corte, começam a surgir maneiras criativas de como conseguir, unidos, resolver outros problemas dos avicultores. Esses casos ainda são poucos, mas, devido às vantagens que oferecem, servem de exemplo para outras empresas, consoante se enumerou a seguir:

6.1. Vísceras das aves são utilizadas por criador mineiro para reforçar a alimentação dos suínos

O avicultor Geraldo Paulino da Costa não sabia mais o que fazer com os restos dos frangos abatidos na sua granja em Alfenas, Minas Gerais. Ele costumava jogar as vísceras das aves num terreno afastado, mas não conseguia evitar o mau cheiro e a presença de milhares de urubus, além das reclamações das pessoas que transitavam próximo ao local. Agora, ele achou uma solução que além de resolver o problema está dando lucro. As vísceras estão servindo para engordar os porcos de raça criados no sítio.

Semanalmente, são abatidos 4 mil frangos na granja, que resultam em aproximadamente 90 quilos de vísceras. De início, Costa errou ao servi-las cruas aos porcos. Os animais não assimilaram bem a nova alimentação e muitos morreram. Depois, passou a servi-las cozidas misturadas à ração. Esta técnica é bastante simples; basta construir uma fornalha ao lado do abatedouro, colocando sobre a mesma um tambor aberto no sentido horizontal. Ali, as vísceras do dia serão misturadas à água e cozidas por duas horas até desmanchar e virar uma sopa. Acrescenta-se à ração e está pronta para servir aos suínos adultos e leitões desmamados.

Os resultados deste novo tipo de alimentação dos suínos, que foi implantado há dois anos, são excelentes, pois Costa obtém um porco gordo para o abate com 112 quilos em 160 dias, o que antes somente era possível 30 dias mais tarde. No mais, há uma economia de 10 a 15% de ração, sem falar no fim do mau cheiro e da presença dos urubus.

Com o aproveitamento desses restos do abate de frangos, Geraldo Costa conseguiu fechar o ciclo de produção na sua propriedade. A ração é fabricada na granja - onde existem 200 hectares de milho em área arrendada - que serve de alimento para os 34.500 frangos e 150 porcos. Da avicultura sai ainda todo o esterco que aduba o milharal e mais 13 hectares de café, além da parte da matéria orgânica para a adubação.

Costa diz-se satisfeito com o empreendimento que ele iniciou em 1979, após receber 49 hectares de herança. Nesses 15 anos conseguiu crescer, mas admite que precisou ser muito criativo na resolução dos problemas. Hoje, ele é o único criador de

frangos em atividade em Alfenas, quando em 1991 existiam 19 no município. Segundo ele, de todo o esquema de produção o mais rentável é o frango, que pode ser abatido em 42 dias com quase 2 quilos, e que no momento só não consegue aproveitar dele as penas. Mas, diz ele, já está pensando num jeito de fazer alguma coisa com elas.

É bastante comum encontrarmos avicultores que possuem criações de suínos e de gado de corte para aproveitarem ao máximo todos os resíduos do frango.

6.2. Empresa mineira incentiva agricultores a produzir milho para alimentar sua criação de frangos

Quanto mais perto a criação ficar da produção de grãos, melhor. Com base nesse princípio, algumas das maiores empresas avícolas brasileiras, como a Sadia, a Ceval e a Agroeliane, seguiram os caminhos do milho e da soja rumo ao Centro-Oeste e instalaram unidades de produção na região. No entanto, a Pif Paf, com sede em Visconde do Rio Branco, Minas Gerais, decidiu seguir o caminho inverso com criatividade e originalidade explicando os princípios de parceria.

Desenvolveu a partir de 1991 um programa pioneiro de "integração avícola, da qual é uma adepta, às necessidades de avicultor, acrescentando ainda a equivalência do produto.

O esquema é simples. A Pif Paf assina um contrato com o agricultor, comprometendo-se a fornecer os adubos e sementes necessários ao cultivo do milho numa área determinada pelo produtor. O valor correspondente a esses insumos é convertido em sacas de milho para pagamento após a colheita. Toda produção excedente ao valor da dívida pode ser usada ou vendida livremente pelo agricultor. "Como oferecemos o preço real de mercado, acabamos comprando o milho não utilizado nas propriedades", diz Luiz Carlos Mendes Costa, diretor superintendente da empresa.

A Pif Paf abate 75 mil aves por semana, precisando de 2 mil toneladas de milho por mês para servir de matéria prima à ração que será consumida pelas aves de seus próprios aviários e os 370 integrados, que representam 66% de sua produção. A empresa chega a buscar milho e soja a 1.000 quilômetros de distância, o que encarece muito o seu produto. Foi visando à redução de custos com o transporte de grãos que esta parceria foi implantada. "Pretendemos oferecer aos produtores rurais uma estrutura que os estimule a retomara a produção de milho na região, impedindo a sua transformação em agricultores não profissionais, muitas vezes dedicados à cultura de subsistência, como tem ocorrido", explica Edson Teixeira Filho, do departamento de agropecuária da empresa. E acrescenta:

"No passado, a Zona da Mata mineira teve certo relevo dentro da produção de milho, mas entrou em decadência por falta de investimentos e de tecnologia."

Pedro Lopes Cupertino, participante do programa há dois anos, salienta que a principal vantagem para os agricultores é que elimina a necessidade de desembolso do dinheiro vivo, tanto na implementação da lavoura como no momento de saldar a dívida. Ele complementa que antes chegava a vender feijão a preços desvantajosos para poder conseguir dinheiro para iniciar o cultivo do milho. "Agora não preciso vender o feijão às pressas, quando todo mundo está vendendo. Posso segurá-lo até o mercado melhorar", diz satisfeito o produtor.

Em 1991, no primeiro ano de implantação do programa, 270 produtores aderiram a integração, cultivando 800 hectares de milho. No ano seguinte, o número de participantes dobrou e a área cultivada triplicou. Em 1993, chegou a 700 produtores e a mais de 3 mil hectares plantados. Tudo isso a apenas 100 km ao redor do Pif Paf.

Como em todas as parcerias de sucesso prevalece o ganha-ganha. Ganha o Pif Paf que, por comprar grandes quantidades de milho, adquire-o a preços menores e ainda dispõe dele nas proximidades da fábrica de ração. Ganham os agricultores que não precisam ter disponibilidade de dinheiro, têm a venda do produto garantida a preço de mercado e ainda recebem assistência técnica da Emater e das secretarias municipais de agricultura, o que garante a incorporação de tecnologia ao processo produtivo. Até as prefeituras de 35 municípios atingidos pelo programa colaboram. Além de ceder máquinas para o preparo das terras, elas custeiam o frete dos grãos transportados até o Pif Paf, como pagamento dos insumos fornecidos.

Os resultados ainda são pequenos diante das necessidades do abatedouro, mas compensam. Da colheita da safra de 93/94, a Pif Paf recebeu 1.000 toneladas de milho como pagamento e comprou o restante da safra dos produtores. Isto tudo representa apenas um mês de consumo de milho da empresa, mas na safra passada este milho custou de 10 a 15% mais barato que o de mercado, segundo o diretor superintendente Luiz Carlos Costa. "Essa vantagem pode diminuir ou mesmo desaparecer no futuro, mas isso não invalida a continuação do programa, pois a garantia de produção de milho próximo às criações já é um motivo suficientemente forte para a manutenção da integração", diz Costa.

6.3. Governo do Estado do Ceará, Secretaria de Agricultura e ACEAV, em parceria, investem na produção de milho cearense

O Governo do Estado do Ceará através do incentivo da Associação Cearense de Avicultura (ACEAV), patrocinados pela Federação de Agricultura, Comércio e Indústria do Ceará (FACIC), resolveram estimular a produção e comercialização de milho no Ceará. Para tanto, firmaram um PROTOCOLO DE INTENÇÕES nesse sentido, em 04 de janeiro de 1994, assinado pelo Governador do Estado, Sr. Ciro Ferreira Gomes, Presidente da ACEAV, Sr. Antônio Cléber Uchoa Cunha, pelo Secretário da Agricultura, Sr. Enock Vasconcelos e pelo Presidente da FACIC, Raimundo Viana.

Através desse protocolo o Governo do Estado irá garantir aos agricultores a oferta de sementes de boa qualidade, bem como assistência técnica necessária ao cultivo do milho e ainda suporte financeiro através de linha de crédito ofertada pelo BEC. Deixará também à disposição da ACEAV a infra-estrutura física necessária à estocagem do milho.

Caberá às empresas associadas à ACEAV a aquisição do milho aqui produzido pelo preço do mercado internacional ou pelo menos 20% superior ao preço mínimo estipulado pelo Governo Federal. Ficará, ainda, a seu cargo, assumir o ônus financeiro referente à divulgação e promoção deste PROTOCOLO DE INTENÇÕES, a íntegra deste protocolo encontra-se no segundo anexo deste trabalho.

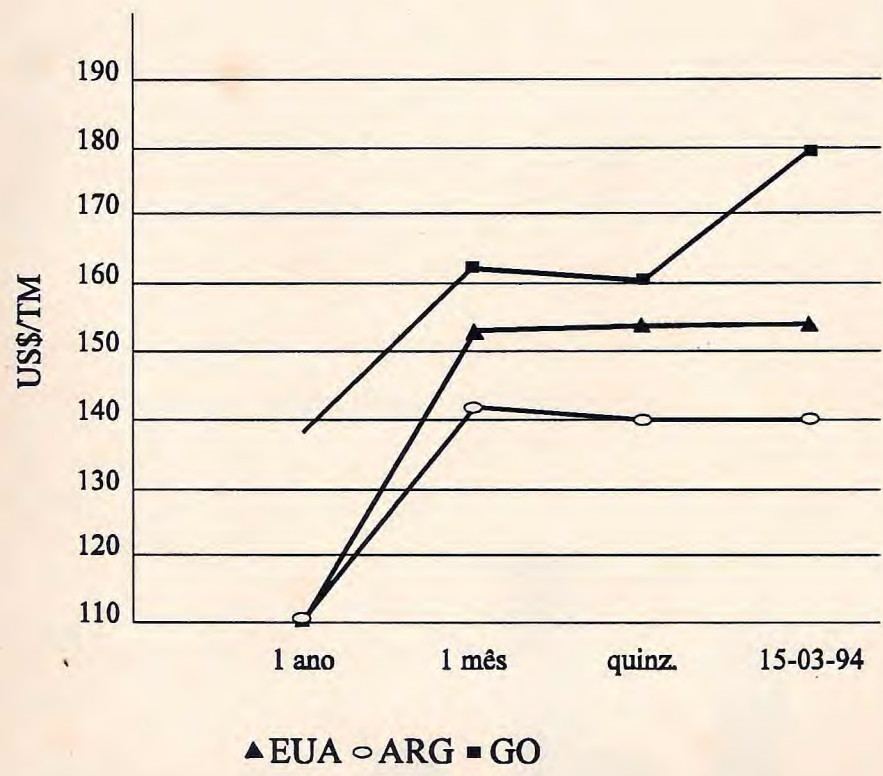
Sensibilizado pelas dificuldades enfrentadas pelos avicultores cearenses na aquisição de milho - insumo responsável em 70% no custo da ração - de outras regiões do país e até mesmo de outros países devido ao Nordeste não ser auto-suficiente na produção do grão. O alto custo de transporte que atualmente é cerca de US\$ 60,00 a US\$ 70,00 por tonelada transportada da região Centro-Oeste inviabiliza a sua comercialização, restando como alternativa o milho importado da Argentina e dos Estados Unidos, cujos preços são 25% a 30% mais baixos do que qualquer outra fonte de abastecimento.

No quadro abaixo temos a comparação elaborada pela AVICOL, por estimativa, do custo do milho para os nordestinos e mais precisamente para o Ceará, onde ratificamos a viabilização do milho argentino e americano.

Comparativos estimado de preços de milho
Posto Fortaleza - CE (US\$ à vista)

Discriminação	Paraná	EUA	Argentina	Bahia	Goiás	Ceará
Milho - FOB	100,00	110,30	110,00	101,70	95,00	A safra está se configurando
ICMS	9,00	-	-	8,93	7,67	
Frente Interior/Prêmio Golfo	20,00	7,50	-	39,94	68,83	
Despesas Porto (Estiva)	9,00	-	-	-	-	
Previsão Desp. Porto (CAP)	1,40	-	-	-	-	
Frete Marítimo	22,00	20,00	18,00	-	-	
ICMS (Frete)/AFRMM	0,50	5,00	-	2,60	6,67	
Seguro	0,65	0,75	0,65	2,00	2,00	
Custos Porto - Fortaleza (Desestiva)	11,00	11,00	11,00	-	-	
TOTAL/Tonelada	173,55	154,55	139,65	155,17	180,17	
TOTAL/Saca - 60 kg	10,41	9,27	8,38	9,31	10,81	? - ?

MILHO: ARG - GO - EUA
C&F - CE



A queda da safra cearense de milho verificada nos últimos anos, como demonstra o quadro abaixo, e a tentativa de viabilizar a agricultura e a avicultura cearense levaram o Governo do Estado a esta iniciativa, que segundo os dados preliminares do IBGE-CE trará uma safra de mil toneladas.

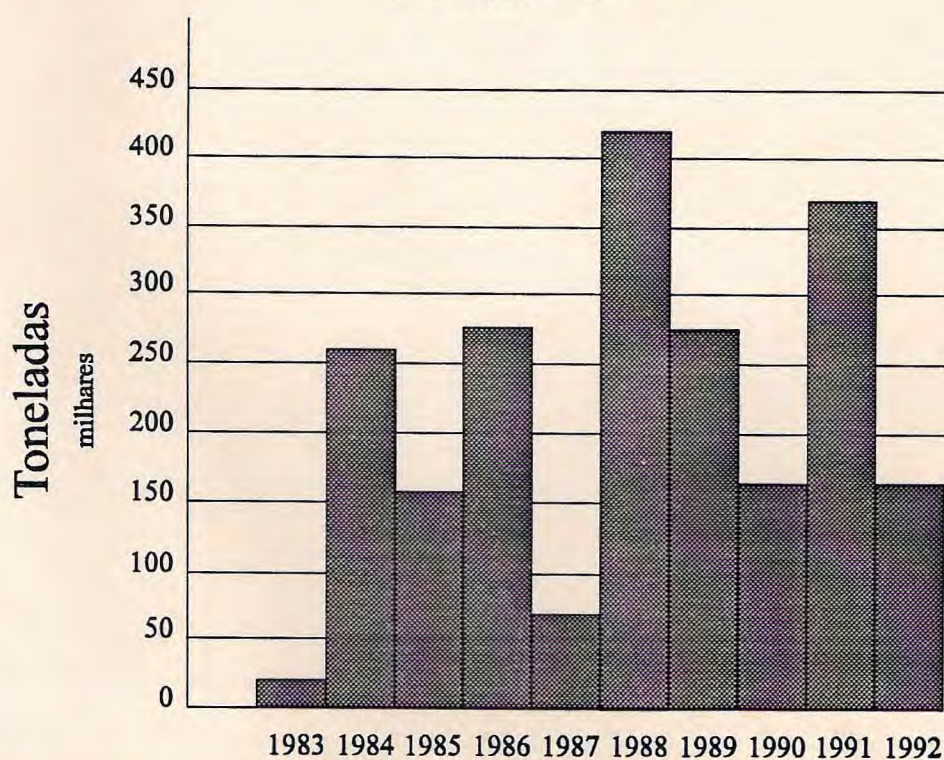
Produção agrícola do Ceará
Cultivo de milho

Ano	Área (ha.)	Produção (TM)	Produtividade
1973	519.209	311.927	601
1974	434.900	182.658	420
1975	567.000	340.200	600
1976	500.000	212.500	425
1977	530.000	349.800	660
1978	480.000	259.200	540
1979	408.031	172.214	422
1980	400.000	96.000	240
1981	120.000	21.600	180
1982	510.226	153.349	301
1983	146.092	17.531	120
1984	422.300	257.603	610
1985	443.786	165.815	374
1986	514.606	276.337	537
1987	286.989	74.812	261
1988	605.583	424.984	702
1989	512.830	236.001	460
1990	346.331	120.581	348
1991	596.899	372.125	623
1992	494.803	165.251	334
1993		39.404	
1994*	726.091	495.868	683

Fonte: IBGE

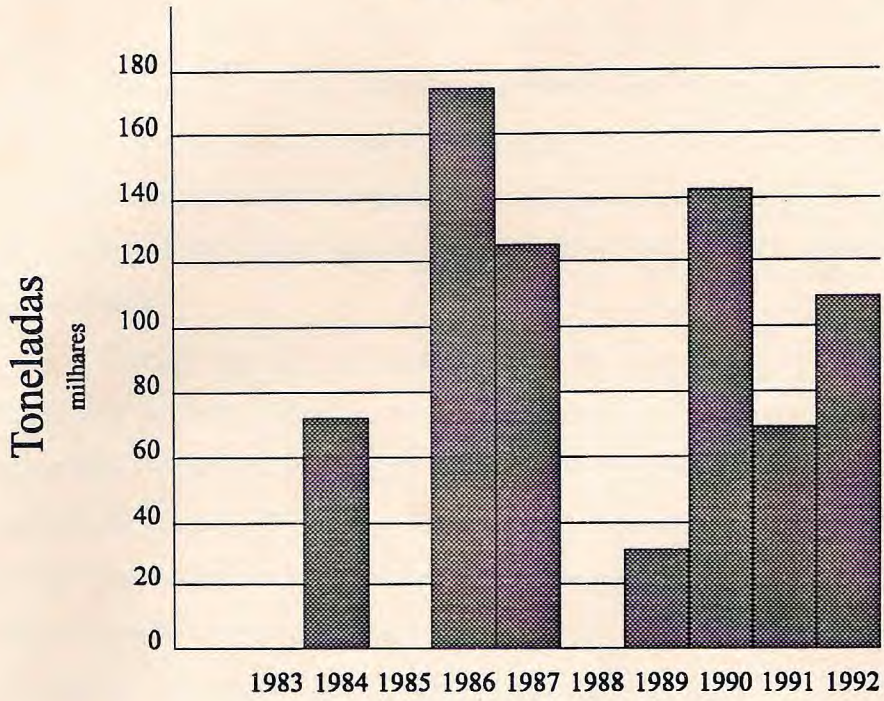
* Estimativa

MILHO
Produção no Ceará



BSFEAC

MILHO Importação no Ceará



7. CONCLUSÕES

De posse deste trabalho podemos reconhecer a evolução do setor avícola brasileiro que, frente à acirrada competição no mercado internacional, está constantemente buscando inovações tecnológicas, aperfeiçoamentos de nutrição das aves e genética, além de estratégias de gestão que as possibilitem voltar-se para a comercialização de produtos de qualidade.

Temos também a oportunidade de reconhecer que a integração, apesar dos benefícios por ela advindos, ainda não é uma unanimidade nacional, pois temos estados como Rio Grande do Sul, onde 100% da produção vem de granjas integradas, São Paulo, que possui cerca de 50%, e o Ceará que tem apenas uma granja adepta do sistema e que o pôs em prática há apenas um ano. As causas para este desalinhamento vão desde a falta de infra-estrutura, às peculiaridades do mercado - que dificultam a implantação do sistema - até resistências impostas pela cultura das organizações.

No entanto, não podemos deixar de salientar que as empresas que implantaram a integração tiveram seus custos reduzidos, aumentaram sua produção conquistando novas fatias de mercado, e voltaram seus investimentos para a comercialização do frango.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Revista Aves e Ovos
Ano IX N° 07, págs. 6, 7, 10, 11
- Revista Aves e Ovos
Ano IX N° 10, págs. 5, 6, 8, 9, 10
- Revista Aves e Ovos
Ano VII N° 03, pág. 22
- Revista Aves e Ovos
Ano IX N° 06, págs. 6, 7, 8, 10
- Revista Aves e Ovos
Ano IX N° 09, págs. 10, 11, 13
- Revista Aves e Ovos
Ano IX N° 11, págs. 5, 6, 7, 8, 9
- Revista Globo Rural
Ano 9 N° 102, Abril 1994, págs. 35 a 37
- Revista Globo Rural
Ano 9 N° 101, Março 1994, págs. 8, 9, 10
- Informativos da Avicol
- Informativo da UBA
Outubro/1993
- Revista Exame
Ano XXVI N° 8, 13 de Abril de 1994, págs. 20 a 25

ANEXO I

INSTRUMENTO PARTICULAR DE CONTRATO DE PARCERIA RURAL PARA CRIAÇÃO E ENGORDA DE FRANGOS DE CORTES ENTRE A GRANJA REGINA S/A E O PARCEIRO CRIADOR ABAIXO DISCRIMINADO.

GRANJA REGINA S/A, na condição de PARCEIRA PROPRIETÁRIA, inscrita no Cadastro Geral do Ministério da Fazenda (CGC) sob o número 07.209.331/0001-85, Inscrição Estadual número 06.108.940-0, com sede na Estrada do Aquiraz, 801 - Messejana - Fortaleza - Ceará, neste ato representada por seu Diretor Presidente ANTÔNIO EDMILSON LIMA JUNIOR, brasileiro, casado, avicultor, domiciliado e residente à rua Vicente Leite, 2.120 - Ap. 402 - Fortaleza - Ceará, portador da Cédula de Identidade RG 315.613 SSP-CE, e do CPF (MF) 068.160.453-00, e de outro lado com PARCEIRO CRIADOR, e assim doravante denominado de INTEGRADO, XXXXXXXXXXXXXXXX, CGC 63.483.176/0001-61, Inscrição Estadual número 06.096.965-2, com endereço no Sítio Mundo Novo s/n, Horizonte-Ceará, neste ato representada pelo sr. YYYYYYYYYYYYYYYY, brasileiro, casado, comerciante, domiciliado e residente à rua Cesar Cals, 2.300 - bairro Praia do Futuro - Fortaleza - Ceará, portador da Cédula de Identidade RG 648.496 SSP-CE, e do CPF (MF) 074.026.353-68; entre si ajustam e aqui instrumentalizam o presente contrato para que produza os mais amplos, especiais e jurídicos efeitos, respeitada a legislação aplicável e obedecida as cláusulas e condições adiante estipuladas.

CLÁUSULA I

A presente PARCERIA objetiva a reunião de bens, tecnologia e demais fatores de produção, com vistas à criação de aves.

CLÁUSULA II

A PARCERIA será desenvolvida no imóvel, em galpões e com equipamentos e instalações de titularidade do PARCEIRO CRIADOR, com localização e endereço acima especificados.

CLÁUSULA III

A GRANJA REGINA S/A entregará ao PARCEIRO CRIADOR, sem ônus para este, pintos de um dia, rações, medicamentos e insumos necessários à criação de aves até idade estabelecida para abate, conforme adiante designado.

CLÁUSULA IV

Caberá ao PARCEIRO CRIADOR promover alimentação, vacinação e demais cuidados necessários à criação e terminação de aves.

CLÁUSULA V

A GRANJA REGINA S/A, desde logo, coloca à disposição ao PARCEIRO CRIADOR, sem qualquer ônus, o seu quadro de técnicos especializados para, mediante solicitação dele, PARCEIRO CRIADOR, prestar toda a orientação no que tange a instalação, condições sanitárias, manejo de aves, e outras medidas e procedimentos tendentes a otimizar os resultados da parceria.

CLÁUSULA VI

O PARCEIRO CRIADOR se obriga a empreender todos os cuidados necessários e indispensáveis para a criação e terminação das aves, adotando, rigorosamente, para tanto, os procedimentos recomendados pela assistência técnico-veterinário da GRANJA REGINA S/A, obrigando-se ainda a realizar, na sua propriedade, visando a melhoria da produtividade, a construção de obras adequadas, dotando-as de equipamentos aptos ao exercício da atividade avícola, tudo o que será feito de acordo com o cronograma a ser aprovado pelas partes contratantes.

CLÁUSULA VII

Caberá a GRANJA REGINA S/A as despesas com transportes dos pintos de um dia, medicamentos e demais insumos até os aviários, bem como o pagamento do ICMS referente a transferência das aves para a comercialização.

CLÁUSULA VIII

Serão por outro lado, de responsabilidade do PARCEIRO CRIADOR, o pagamento de salários e de quaisquer direitos trabalhistas devidos a seus empregados e/ou familiares, o recolhimento de contribuições previdenciárias, de impostos e taxas, de multas e demais obrigações resultantes de autuações levadas a efeito por órgãos e repartições públicas federais, estaduais e municipais.

CLÁUSULA IX

Serão, ainda, de responsabilidade do PARCEIRO CRIADOR, os cuidados necessários próprios e adequados à criação e terminação das aves, as despesas com água,

luz, força elétrica, telefone e todo material necessário ao manejo adequado das aves, manutenção e conservação dos galpões, das instalações e dos equipamentos em estado sanitário e de funcionamento adequado às exigências técnicas, arcando ainda o PARCEIRO CRIADOR com quaisquer prejuízos que sua granja venha sofrer.

CLÁUSULA X

O prazo para engorda e terminação das aves será fixado antecipadamente entre às partes, por ocasião da entrega do respectivo lote de pintos de um dia.

CLÁUSULA XI

Decorrido o período de criação e engorda, será promovido a contagem das aves, pesagem e apuração do Fator de Produção (FEP). Ao PARCEIRO CRIADOR será assegurado a remuneração em moeda corrente nacional, calculada com base no índice correspondente ao Fator de Produção atingido e de acordo com a TABELA DE PREMIAÇÃO/REMUNERAÇÃO, devidamente rubricada por ambas as partes.

Parágrafo Primeiro - O pagamento a que se refere o caput desta cláusula será efetuado pela GRANJA REGINA S/A, no prazo de 7 (sete) dias, contados à partir da data de retirada de todas as aves

Parágrafo Segundo - Fica assegurada a GRANJA REGINA S/A., a revisão de possíveis modificações dos parâmetros de remuneração, ocasionados pelos avanços tecnológicos da atividade avícola.

Parágrafo Terceiro - Na hipótese de qualquer lote não alcançar o índice mínimo estabelecido na mencionada tabela, que as partes reconhecem ser perfeitamente exequível, será facultado a GRANJA REGINA S/A dar por rescindido o presente contrato.

CLÁUSULA XII

A GRANJA REGINA S/A, prestará toda assistência técnica-veterinária necessária, acompanhar a criação e engorda das aves, pelo que lhe fica assegurado livre e permanente acesso às instalações nas quais se encontra o plantel de aves objeto da parceria avícola.

CLÁUSULA XIII

Concluída a saída de cada lote de aves terminadas, a GRANJA REGINA S/A colocará novo lote de pintos de um dia, na quantidade que for tecnicamente estipulada por ela.

CLÁUSULA XIV

O PARCEIRO CRIADOR declara-se depositário, nos termos dos Artigos números 1.265 a 1.281 do Código Civil Brasileiro, dos pintos de um dia, rações, medicamentos, insumos e dos frangos em criação.

CLÁUSULA XV

O prazo de duração do presente contrato é indeterminado, facultado a qualquer parte a rescisão desde que comunicada por escrito, por qualquer das partes, com antecedência mínima de 60 (sessenta) dias.

CLÁUSULA XVI

A parte que motivar a rescisão pelo não cumprimento das obrigações e condições aqui estabelecidas, ficará sujeita as perdas e danos, sem prejuízo das demais condições legais.

CLÁUSULA XVII

Fica eleito o fôro desta Comarca como competente para o deslinde de qualquer questão resultante do presente contrato, o qual as partes contratantes assinam na presença das testemunhas abaixo, e obrigam-se a bem e fielmente cumpri-lo e fazê-lo cumprir por seus eventuais herdeiros e sucessores.

Fortaleza, 21 de junho de 1994

GRANJA REGINA S/A

Parceiro Proprietário

Parceiro Criador

TESTEMUNHAS:

ANEXO II

PROTOCOLO DE INTENÇÕES QUE ENTRE SI CELEBRAM O GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ E A ASSOCIAÇÃO CEARENSE DE AVICULTURA - ACEAV - VISANDO A PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE MILHO NO CEARÁ

Pelo presente PROTOCOLO DE INTENÇÕES, o GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, doravante denominado GOVERNO, através do seu Titular, Governador CIRO FERREIRA GOMES e a ASSOCIAÇÃO DE AVICULTURA - ACEAV - denominada ACEAV, através de seu Presidente Dr. Antônio Cleber Uchôa Cunha, resolvem patrocinar a produção e comercialização de milho no Estado do Ceará, mediante as cláusulas e condições seguintes.

CLÁUSULA PRIMEIRA - DO OBJETIVO

Constitui-se objeto deste Protocolo, a produção de milho por parte dos agricultores cearenses com o apoio técnico-financeiro do GOVERNO e a comercialização, por um preço garantido, com a ACEAV.

CLÁUSULA SEGUNDA - DAS ATIVIDADES

O Governo se compromete a promover junto aos agricultores cearenses a produção de milho, ofertando sementes de boa qualidade, assistência técnica e crédito rural disponível e oportunos enquanto que é compromisso da ACEAV adquirir essa produção ao preço de paridade do mercado internacional ou a um preço pelo menos superior em 20% ao preço mínimo estipulado pela Política Agrícola.

CLÁUSULA TERCEIRA - DAS OBRIGAÇÕES

Para consecução dos objetivos previstos neste PROTOCOLO, competirá às partes convenientes o seguinte:

SFEAC

I - Compete ao GOVERNO

a) Incentivar a produção de milho, junto aos agricultores, adquirindo e oferecendo sementes de boa qualidade, e assistência técnica durante todo o ciclo da cultura.

b) Incentivar a produção de milho nos Programas Governamentais de Irrigação localizados em áreas adequadas a esse tipo de exploração.

d) Colocar à disposição da ACEAV a estrutura física disponível e necessária à aquisição do milho produzido.

e) Promover a revogação do presente PROTOCOLO, caso haja infração a qualquer CLÁUSULA ou condições do mesmo ou desvio de seus objetivos.

II - Compete à ACEAV

a) Adquirir, através de suas empresas Associadas, a produção do milho conveniado, a preços paritários ao mercado internacional ou a preço pelo menos superior em 20% ao preço Mínimo estabelecido pelo Governo Federal.

b) Promover a divulgação deste PROTOCOLO, na forma de um Programa de Governo, assumindo as despesas inerentes a esta promoção.

CLÁUSULA QUARTA - DA REVOGAÇÃO

O presente PROTOCOLO poderá ser revogado a qualquer tempo pelas partes convenientes independente de participação ou interpelação judicial, caso seja comprovada a inobservância de qualquer Cláusula ou condições nele previstas.

CLÁUSULA QUINTA - DO PRAZO

O prazo de vigência deste PROTOCOLO é de um (01) ano, a partir da data de sua assinatura pelas partes, revogando-se qualquer Convênio ou protocolo anterior que tenha o mesmo objetivo.

CLÁUSULA SEXTA - DO FORO

As partes elegem, de comum acordo, o Foro da Cidade de Fortaleza, Capital do Estado do Ceará, para quaisquer dúvidas ou controvérsias oriundas do cumprimento deste PROTOCOLO, com a renúncia expressa a qualquer outro, por mais privilegiado que seja.

E, por estarem assim justos e acertados, assinam o presente PROTOCOLO DE INTENÇÕES em 03 (três) vias de inteiro e igual teor, as quais produzirão um só e mesmo efeito, perante as testemunhas abaixo a tudo presentes.

Fortaleza, 04 de janeiro de 1994

CIRO FERREIRA GOMES

Governo do Estado
do Ceará

ANTÔNIO CLEBER UCHÔA CUNHA

Presidente da ACEAV

TESTEMUNHAS:

Presidente da FACIC

Secretário da Agricultura e Reforma Agrária